

“Uma autora naturalmente
engraçada e calorosa.” – LISA JEWELL

Jenny
COLGAN

Um lugar
muito
distante

Um conto passado
na pequena
ilha da Escócia



Um lugar
muito
distante



Capítulo um

– Nome?

– Já disse – respondeu o homem. – Já disse várias vezes.

Saif sabia que não adiantava ficar com raiva nem perder a paciência. Se isso acontecesse, seria mandado de volta para o fim da fila, o que significaria outra noite ao relento. Embora a primavera estivesse próxima, ainda não havia chegado.

O frio parecia atingir até seus ossos; não conseguia lembrar como era se sentir aquecido – aquecido de verdade.

– Saif Hassan. De Damasco.

– Em que escola estudou? Qual era o nome do prefeito da cidade? Qual é o nome da rua comercial principal?

Todas essas perguntas eram para pegá-lo, fazê-lo errar, para separar os somalianos e tunisianos sem sorte, mas cheios de esperança. Ele tinha até conhecido um homem do Haiti, talvez o refugiado mais improvável da guerra do Oriente Médio que ele já vira. Havia outros, de países dos quais mal tinha ouvido falar – e Saif conhecia um pouco do mundo.

Ele respondeu às perguntas de novo e de novo, enquanto os homens atrás dele na fila sussurravam uns para os outros: “O que ele disse? O que ele está perguntando? Anota aí.” Ficou parado, paciente, e aguardou, agarrado à mochila preta, a única coisa que tinha conseguido tirar do barco.

A única coisa.



Capítulo dois

Lorna estava atrasada de novo. Desligou o rádio do carro e as tantas notícias horríveis que aconteciam no mundo. Sabia que havia coisas muito piores do que estar atrasada, porém, no momento, saber disso não adiantava nada.

– Vem, pai – disse ela, ao sair do carro.

Segurou o braço do velho conforme ele saltava devagar e olhou para o relógio, nervosa. Com certeza ia se atrasar. Seu coração se apertou quando percebeu que já havia uma fila na frente do consultório.

O vento chegou de repente, vindo do oeste, fazendo cair uma ou duas gotas do que parecia ser chuva. Por favor, não. Tempestade, não. Fazer um homem de 74 anos esperar debaixo de um temporal de primavera não era nem um pouco justo. Mas havia uma longa fila para se consultar com o último médico da remota ilha escocesa de Mure.

– Me deixa aqui e pronto – murmurou ele, como sempre fazia.

– Para de ser bobo – rebateu Lorna.

Angus não ouvia nem metade do que fingia ouvir. Nunca escutava o que o médico lhe dizia. E Lorna não sabia ao certo a que horas seriam atendidos, se é que conseguiriam. Havia pelo menos dez pessoas na frente: mães com crianças chorando, velhinhas que pareciam estar até contentes por passear, trabalhadores de aparência triste olhando para o celular.

– Pode ser que demore – avisou ela. – Mas eu vou entrar para acomodar o senhor.

Isso significava perder a reunião das crianças. A Sra. Cook teria que comandar. Mas Lorna sabia que os pequeninos da escola – e seus pais

– preferiam muito mais quando a diretora estava presente. Ela quis gritar de frustração. Irritada, pôs o cabelo ruivo e cacheado atrás das orelhas.

– Só tinha um médico aqui quando eu era jovem – constatou Angus.

– É, mas tinha bem menos pessoas quando o senhor era jovem – respondeu Lorna. – E todas morreram em acidentes com máquinas de fazenda ou de causas naturais antes dos 55 anos. Os médicos não eram tão necessários.

– É, bom... – rebateu Angus. – Na época, o médico era o Dr. MacAllister, o mais novo. Se bem que não era tão novo assim. Ele assumiu o consultório depois do pai, o velho Dr. MacAllister, que *também* assumiu depois do pai...

– Que usava sanguessugas – afirmou Lorna.

Ela olhou para o relógio. Era amiga de Jeannie, a recepcionista, mas não adiantava nada. Ela não quebraria seu galho. E não havia a menor possibilidade de Jeannie abrir a porta de aço antes de 8h30 em ponto.

– Você tem que ir, querida – declarou seu pai quando ela olhou para o relógio mais uma vez.

– Não, pai – disse, irritada consigo mesma por estar mal-humorada. – Está tudo bem.

Com certa preocupação, Lorna pensou de novo no número de matrículas da escola para o ano seguinte. Estava baixo mais uma vez. O problema era que não conseguiam um médico novo para a ilha; logo, as pessoas não queriam se mudar para lá. Preferiam ir para Orkney, ou para algum outro lugar mais movimentado, ou ficar em Glasgow e pronto. As coisas estavam ruins por todo canto.

Todos sabiam que a posição de clínico geral tinha sido anunciada havia oito meses sem que um único candidato aparecesse. O mesmo se repetia em todo lugar. Havia uma grande escassez de médicos no país inteiro, e muito poucos queriam levar suas habilidades extremamente necessárias para uma ilha tão pequena e distante.

Lorna suspirou quando Jeannie chegou e fez um alvoroço ao destrancar e erguer a porta de aço. Eram exatamente 8h30.

A fila, à qual muitas pessoas tinham se juntado desde que Lorna e o pai chegaram, avançou. Lorna pensou, de forma um pouco insensível, que era provável que os primeiros da fila nem sequer precisassem ir ao médico. Ela seguiu andando, ainda segurando o braço do pai, até o calor acolhedor da sala de espera superaquecida.



Capítulo três

Saif sabia que havia muitos refugiados na fila esperando atendimento no estábulo ao lado da grande cerca de arame farpado. A multidão também tinha percebido que era numerosa demais para que todos fossem atendidos naquele dia; logo, as pessoas estavam se empurrando.

Ele sabia que não deveria se aproximar delas. Era alto e sua presença sobressaía. Era mais velho do que a maioria dos homens, mas seu corpo podia atrair agressões. Tudo que queria era ficar longe de problemas. Já presenciara o suficiente para uma vida inteira.

A situação, porém, estava ficando feia. Os policiais atrás da cerca tinham sumido no momento, e havia cotoveladas e gritos no fundo da multidão. Ele cruzou o olhar com uma mulher muito jovem com um bebê quieto – quieto demais – num carrinho velho e caindo aos pedaços, e os dois desviaram o olhar.

Chega de problemas. Por favor.

Aconteceu muito rápido. Na verdade, foram só gritos. Só isso. Então, veio o berro de uma mulher e, no mesmo instante, um punhado de guardas bem armados entraram pela porta do estábulo. Vieram do nada, um ainda mastigando, de porretes erguidos e armas de fogo nas mãos. Logo o lugar foi tomado por um silêncio mortal. Os homens se afastaram, de cabeça baixa, como meninos travessos que foram pegos fazendo bagunça enquanto a professora estava fora da sala de aula.

Mas a mulher continuava a gritar. As cabeças que tinham se enrijecido, encarando o chão, desesperadas para não atrair atenção, começaram a olhar ao redor.

O homem no comando dos guardas disse algo na própria língua que era claramente um palavrão. Saif deu uma olhada rápida.

A mulher segurava uma criança nos braços, um menininho de no máximo 7 ou 8 anos. Ele não chorava, o que preocupou Saif, mas seus olhos estavam arregalados de medo, a pele pálida. O sangue jorrava de uma ferida no ombro. Estava óbvio que um dos jovens portava uma faca e algo tinha dado muito errado.

A multidão se dividiu para dar espaço à mulher. O comandante falou no rádio, mas recebeu uma resposta de que obviamente não gostou. Ele olhou ao redor, gritando em diferentes línguas:

– Médico? *Médecin?* *Tabib?*

Mais uma vez, todos encararam o chão. Saif deu um suspiro. Não era a primeira vez e não seria a última. Ele ergueu a mão.

– Eu – informou em voz baixa.

CONHEÇA OS LIVROS DE JENNY COLGAN

A pequena livraria dos sonhos
A padaria dos finais felizes
A adorável loja de chocolates de Paris
Um novo capítulo para o amor
A pequena ilha da Escócia
Um lugar muito distante

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

